



O I h a r e s interdisciplinares sobre gênero e jornalismo na revista Cadernos Paqu: Iara Aparecida Beleli e Karla Adriana Martins Bessa

Interdisciplinary views on
gender and journalism in
Cadernos Paqu magazine:
Iara Aparecida Beleli and
Karla Adriana Martins
Bessa

Luciano Victor Barros Maluly

Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo - pela Universidade Estadual de Londrina (1995), Mestrado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (1998), Doutorado em Ciências da Comunicação (2002) e Livre-Docência (2016), ambos pela Universidade de São Paulo, além de Pós-Doutorado na Universidade do Minho, em Portugal (2011). Atua como professor e pesquisador na Universidade de São Paulo (USP).



Anna Flávia Feldmann

Professora do Departamento de Jornalismo da PUC-SP, com experiência no campo dos Estudos de Gênero, Práticas Jornalísticas Laboratoriais e Comunicação Alternativa. Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Especialista em Jornalismo Social e graduada em Comunicação Social, ambos pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Editora do jornal impresso Contraponto. Editora do jornal online Contraponto Digital. Ambos vinculados à PUC-SP e ao curso de Jornalismo. Áreas de pesquisa e atuação: Edição de jornal online, Edição de jornal impresso, Oficinas de texto jornalístico, Comunicação contra-hegemônica, Política e Sociedade, Estudos de Gênero e Feminismo. Experiência extras: Chefia de departamento e Orientação de TCC. Pesquisadora do grupo de estudos cadastrado pelo CNPq "Alterjor - Jornalismo Popular e Alternativo" - vinculado à ECA/USP e autora do livro "Comunicação, Gênero e Saúde: uma análise das campanhas do câncer de mama no Brasil". Ed. Atlas, 2015.



Resumo

Este trabalho analisa a temática feminina dentro da área de jornalismo, pela atuação do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu (NEG-Pagu), e, por conseguinte, da revista acadêmica Cadernos Pagu, pelos olhares das pesquisadoras Iara Aparecida Beleli e Karla Adriana Martins Bessa. Busca-se, assim, revelar as experiências dessas investigadoras na área e como conceituam a prática do jornalismo e seu impacto social enquanto artefato de função pública, política e social. Para a execução das entrevistas, adotou-se, como base, o método da história oral aliado às técnicas jornalísticas..

Palavras-chave: Cadernos Pagu. Jornalismo e Gênero. Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu (NEG-Pagu).

Abstract

This paper analyzes the female theme within the area of journalism, through the work of the Gender Studies Center – Pagu (NEG-Pagu) and also through the eyes of the researchers Iara Aparecida Beleli and Karla Adriana Martins Bessa that remain to the academic journal Cadernos Pagu. Therefore we have tried to reveal how experienced are these investigations in the area, and how to conceptualize the practice of journalism and its social impact, as a tool of public, political and social function. To carry out the interviews, we adopt, as a basis, the method of oral history together with journalistic techniques.

Keywords: Cadernos Pagu. Journalism and Gender. Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu (NEG-Pagu).



Introdução

O Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu, vinculado à Universidade de Campinas (Unicamp), foi criado em 1993, a partir do resultado do trabalho de pesquisadores(as) provenientes de distintos campos disciplinares, interessados em dialogar com as teorias feministas e de gênero. Além de pesquisadores plenos e colaboradores vinculados à Unicamp, participam do projeto outras instituições, além de outros investigadores de agências financiadoras nacionais e internacionais. “A interdisciplinaridade, marca das pesquisas realizadas no NEG-Pagu, ramifica-se pelas diversas vertentes da problemática associada ao conceito de gênero – sociais, econômicas, antropológicas, históricas e políticas” (2020).

Com a finalidade de demonstrar o escopo de investigações abrangentes na área da Comunicação, destacam-se alguns temas e produções vinculados à cultura e à mídia, como corporalidades, raça, religiosidade, sexualidade e homoerotismo.

Cadernos Pagu (2020) é uma revista online, de acesso aberto e gratuito, criada em 1993 e vinculada ao NEG-Pagu, pertencente à Unicamp. Segundo consta no sistema de bibliotecas dessa instituição, em síntese, a publicação possui periodicidade quadrimestral, conteúdo interdisciplinar e tem como objetivo contribuir para ampliar e fortalecer o campo interdisciplinar de estudos de gênero, dando visibilidade à produção realizada no Brasil e promovendo o intercâmbio de conhecimento internacional sobre a questão.

A revista publica artigos inéditos com contribuições científicas originais que colaborem para a inovação teórica, metodológica e/ou agreguem conhecimento empírico inovador e debates em torno de textos teóricos relevantes no campo dos estudos de gênero, viabilizando a difusão de conhecimentos na área e a leitura crítica da produção internacional. Além disso, “publica dossiês temáticos, entendidos como conjuntos articulados e heterogêneos de artigos que propiciem reflexão crítica sobre o tema em foco, suas diferentes e divergentes fontes teóricas, conceituais e metodologias de pesquisa”, de acordo com a página institucional sobre os *Cadernos Pagu* (2020).

No histórico disponibilizado sobre a revista, divulga-se que o primeiro número foi escrito por integrantes do Núcleo, porém, já na segunda e terceira edições, a publicação redefiniu sua política editorial e, ao mesmo tempo, aceitou contribuições de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Neste momento, foi constituído um corpo de pareceristas *ad-hoc* e um conselho editorial. A partir do quinto número, *Cadernos Pagu* passou a receber financiamento externo à Unicamp.

O objetivo desta pesquisa é compreender a temática feminina no jornalismo, pela atuação do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu (NEG-Pagu), e de sua revista acadêmica, *Cadernos Pagu*, por meio da colaboração das pesquisadoras Lara Aparecida Beleli e Karla Adriana Martins Bessa. Suas experiências na área conceituam a prática do jornalismo e seu impacto social enquanto artefato de função pública, política e social.

Para a execução das entrevistas foi adotado, como método, a história oral, tendo por base o pensamento de José Carlos Sebe B. Meihy e Fabíola Holanda (2007), aliado à bibliografia sobre



técnicas de entrevistas, com destaque para as obras de Cremilda Celeste de Araújo Medina (1986), Nilson Lage (2001) e Reginaldo Moreira (2014). Este trabalho é fruto da tese de doutorado *Feminismo em pauta: um estudo sobre mulheres e jornalismo alternativo*, de Anna Flávia Feldman, defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 2018.

Profa. Dra. Iara Aparecida Beleli – perfil, atuação e produção

Iara Aparecida Beleli é historiadora formada pela Unicamp em 1983, instituição a que se dedica até hoje e na qual estuda as áreas de gênero e comunicação. A pesquisadora e coordenadora do NEG-Pagu tem, como campo de atuação, as variadas mídias, especialmente a internet, e as teorias feministas, com intersecções nos estudos de raça, etnia, sexualidade e nacionalidade.

A pesquisadora defendeu a dissertação de mestrado *Gênero e amor: experiências, encontros e desencontros (1970-1990)*, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 1999. Na ocasião, analisou as novas dinâmicas de gênero em relacionamentos amorosos.

A pesquisa centrou-se, a partir de relatos, memórias e narrativas, na reflexão sobre as concepções de feminilidade e de masculinidade, analisando possíveis transformações ocorridas nas relações, de 1970 a 1990. Beleli relatou a experiência de homens e de mulheres entre 40 e 50 anos de idade, pertencentes às camadas médias urbanas e que, de alguma forma, foram influenciados pelo movimento feminista da época.

Em seguida, a pesquisadora iniciou seus estudos de doutorado, que se estenderam de 2000 a 2005. A tese, desenvolvida na área de Ciências Sociais da Unicamp, intitula-se *Marcas da diferença na propaganda brasileira* e está disponível na biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da instituição. Neste trabalho, a pesquisadora aborda o imaginário na publicidade e a sexualização dos produtos trabalhados na mídia, delimitando as diferenças entre sexo, gênero, raça. A análise está focada, entre outras questões, na promoção do consumo que valoriza e distingue categorias de pessoas, estabelecendo condutas de um modo de *ser nacional*, delineando particularidades da imagem do Brasil e, conseqüentemente, da mulher brasileira.

A pesquisadora realizou dois pós-doutorados. O primeiro, no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), em Portugal, em 2008, e o segundo, na Universitat Rovira i Virgili, em Tarragona, na Espanha, em 2012. Nos dois casos, debruçou-se sobre temas relacionados a gênero, raça e sexualidade. No primeiro projeto, trabalhou com a imagem do Brasil na mídia portuguesa e a transnacionalização de identidades para brasileiras/os que moram, trabalham e vivem no exterior. No segundo, pesquisou a circulação de produtos brasileiros na Espanha, realizando entrevistas em profundidade com comerciantes e consumidores brasileiros e espanhóis.

Profa. Dra. Karla Adriana Martins Bessa – perfil, atuação e produção



Com graduação, mestrado e doutorado em história, Karla Adriana Martins Bessa dedica sua experiência profissional à pesquisa e à docência. Iniciou seus estudos na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e ingressou na pós-graduação *stricto sensu* na Unicamp.

No mestrado, *Jogos de sedução: práticas amorosas e práticas jurídicas. Uberlândia, 1950-1970*, concluído em 1994, Bessa analisou as facetas culturais sobre os códigos e representações da sedução e das relações amorosas, estabelecendo um diálogo com a historiografia e a documentação de processos criminais voltados à sedução na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais. Nessa pesquisa utilizou parte da literatura jurídica sobre o assunto, além de filmes, contos e também uma revista local, a *Elite Magazine*, com foco na seção *Feminina*.

Na tese de doutorado *(Entre)cruzando histórias: gênero e historiografia brasileira – 1961-1996*, defendida em 2000, ela trabalhou a questão da identidade na história do Brasil do século XX. Sua análise debruçou-se sobre o primeiro Simpósio de Professores Universitários de História (APUH), na década de 1960, e a consequente divulgação dos Anais deste encontro, além da publicação da *Revista Brasileira de História*, no início na década de 1980. Sua pesquisa partiu desses dois periódicos para investigar a formação da história das mulheres e dos estudos de gênero.

A especialista possui como áreas de estudo o campo da cultura visual cinematográfica contemporânea e suas relações com gênero, raça, sexualidade, classe e escolaridade. Ela coordena o projeto *CinePagu* (2020), ligado à Unicamp. Em vigor desde 2008, a iniciativa realiza encontros com projeções gratuitas com o objetivo de promover debates temáticos no campus.

Bessa realizou estágios pós-doutorais na Universidade de Michigan (2004), nos EUA, na Universidade de Lisboa (2008), em Portugal, e no King's College London (2014), na Inglaterra. Entre 2010 e 2011, foi professora visitante do Department of Film Studies, King's College London. As atividades mais recentes vinculam, além da história, estudos sobre política e *teoria queer*.

Memorando da entrevista

Ao tratar das características dos textos publicados por mulheres e sobre mulheres no jornalismo brasileiro, Iara Aparecida Beleli (informação verbal)¹ fez uma ressalva metodológica. Para ela, é preciso entender, antes de tudo, que “o termo mulher é uma coisa que foi ‘multiplicizada’. Quando você fala ‘mulher’, de que mulher você está falando? Ela é pobre, negra, rural, urbana, loira, trabalhadora, dona de casa?”. É por isso que, em sua opinião, ao analisar a presença da mulher na mídia, não se pode falar em uma “mulher, no singular. Nunca é. É preciso saber quem é esta mulher”, localizá-la no tempo, espaço e contexto socioeconômico, destacando os demais “marcadores de diferenças que se articulam na questão de gênero”.

Para Beleli, ao analisar as mulheres no jornalismo, seria possível fazer um paralelo com a inclusão dos negros na publicidade:

¹ BELELI, Iara Aparecida & BESSA, Karla Adriana Martins. **Entrevista** concedida a Anna Flávia Feldmann. Áudio. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). 18. out. 2017



Será que ter pessoas do sexo feminino no jornalismo mudaria o jornalismo? É como na política. Mulheres na política mudam a política só porque elas têm vagina e não têm pênis? Eu acho que há mais negros na propaganda, mas isso mudou o padrão? Que negros são esses? Os negros que estão ali continuam sendo maquiados, entre aspas, ou eles têm o olho claro ou o cabelo com balanço. (informação verbal)²

No que tange à ocupação de cargos públicos e políticos por mulheres, Beleli (informação verbal)³ reconhece que “o fato de ser mulher não garante absolutamente nada. Difícil, para uma feminista como eu, dizer isso, mas não garante”. Para ela, existe, na verdade, um contexto político refratário às bandeiras feministas que impede o avanço nesta área, mesmo considerando que uma parcela importante de mulheres ocupou espaços públicos nos últimos anos. A eleição de Dilma Rousseff foi citada como exemplo, uma vez que, para a colaboradora, ainda que tenha sido a primeira mulher eleita para a Presidência da República do Brasil, ela “não mexeu em coisas fundamentais como, por exemplo, a questão do aborto, apesar de possuir muitas feministas em torno dela”.

Voltando à questão específica do jornalismo, Beleli (informação verbal)⁴ questionou que “se você ficar na estatística, pode até ser que tenha aumentado muito o número de mulheres. Mas o que essas mulheres estão pautando e como elas estão pautando?”. E acrescentou: “é interessante saber como é que a grande mídia pauta e como a imprensa alternativa está pautando”.

Ainda sobre a questão da relação entre mulheres e a pauta jornalística, a pesquisadora Karla Adriana Martins Bessa ressaltou que:

Enquanto investigadoras da área de gênero, sensíveis à questão das mulheres e leitoras de jornal, podemos dar uma opinião mínima, por exemplo, com relação à pauta. No jornalismo, eu vejo que eles têm uma pauta antenada, tem temas antenados. O problema não é a pauta. O problema são os textos mesmo, são as matérias. É ali que mora o problema. Ou seja, você consegue ver que pautam aborto, feminicídio, violência doméstica, violência contra a mulher em geral. Isso aparece nas notícias. O problema é como isso aparece, quem eles buscam para ser referência, para dar entrevistas. (informação verbal)⁵

Para Bessa (informação verbal)⁶, ainda persiste um vício profissional de buscar as mesmas “pseudo-autoridades” que acabam ratificando “uma visão extremamente unilateral de temas muito polêmicos”. Fazendo uma conexão entre participação política das mulheres e qualidade da representação feminina na imprensa, relata que a expectativa de que a eleição de uma mulher para a Presidência do Brasil poderia “repercutir, pelo menos em termos de jornalismo, com um certo ‘olha, vamos cuidar’ como tratar essa coisa da nomeação, do respeito, de criação de pautas”. Mas não foi isso que aconteceu: “nós ficamos sabendo de coisas importantes que a Dilma fez por vias alternativas. Porque a grande mídia ficou presa à espetacularização”, avaliou a pesquisadora.

² Id., 2017.

³ Id., 2017.

⁴ Id., 2017.

⁵ BELELI, Iara Aparecida & BESSA, Karla Adriana Martins. **Entrevista** concedida a Anna Flávia Feldmann. Áudio. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). 18. out. 2017.

⁶ Id., 2017.



Mulheres, internet e novas mídias

Ao responderem sobre qual seria a principal mensagem transmitida pelo jornalismo brasileiro acerca das questões de gênero e se a internet e as novas mídias impactaram de algum modo essa mensagem, as pesquisadoras trouxeram diferentes perspectivas sobre o tema. Beleli iniciou sua fala estabelecendo um novo paralelo com a linguagem publicitária. Ela avaliou ser comum nesta área a crença de que:

O importante numa publicidade é o título, o que as pessoas vão ler. É somente isso. Essa coisa de você estar numa banca de jornal, as pessoas só olham o título. Elas criam a história a partir da manchete. Eu acho que isso é um pouco o que está acontecendo com a internet. As pessoas só olham a manchete e criam suas próprias histórias. Porque ela vai juntar aquilo com o pedacinho do que ela viu no *Jornal Nacional*, na *Veja*, no *Datena*. (informação verbal)⁷

No caso dos programas de cunho policial, Beleli (informação verbal)⁸ ressaltou que “cada frase tem um julgamento moral, principalmente em relação às mulheres. Até quando eles (*os apresentadores*) querem defender as mulheres, tem algo que aquela mulher pode ter feito que, para o receptor, ela se torna uma ré, não uma vítima”. Em sua análise é como se ele (*o apresentador*) dissesse implicitamente que “alguma abertura ela deu, que nenhum homem é tão ruim assim”.

Concordando com esse ponto de vista, Bessa (informação verbal)⁹ alertou: “Não é exagero falar nessa cultura do ódio. Está acontecendo”. E completou: “Do mesmo modo que existem blogs muito interessantes e a internet abriu uma possibilidade grande de vozes e dessa emergência de visibilidades, na mesma medida, você tem o outro lado” com blogs e sites difundindo mensagens retrógradas e misóginas. Sobre o impacto dessa imprensa alternativa, Beleli (informação verbal)¹⁰ ainda questionou: “quanto dessa mídia alternativa, que é uma miríade de blogs e páginas pessoais, chega, de fato, na população?”.

Contudo, as duas pesquisadoras reconheceram tanto a feminização da profissão jornalística, como uma maior presença da pauta feminina na cobertura midiática. Entretanto, ponderaram que essa feminização pode ser reflexo de uma perda de importância da própria profissão de jornalista, acarretada pela crise que assola este campo de atuação, com altos índices de desemprego e subemprego.

Quanto à maior presença de temas relacionados ao cotidiano feminino e aos direitos das mulheres, Beleli (informação verbal)¹¹ acredita que “a discussão nunca é para abrir. Pelo contrário. A

⁷ Id., 2017.

⁸ Id., 2017.

⁹ Id., 2017.

¹⁰ Id., 2017.

¹¹ Id., 2017.



discussão é sempre para fechar”. Bessa (informação verbal)¹² aponta para um aumento no número de *talk shows* comandados por mulheres, nos quais há espaço para discussões ligadas à questão de gênero e transexualidade. Para ela, nesse tipo de programa existe uma busca por depoimentos diretos, uma busca pela “verdade da autoridade de quem fala. Então, tem muito essa coisa de levar a mãe que aceitou o filho ou o pai que não aceita o filho e de colocar frente a frente”. A pesquisadora ressaltou que, se, por um lado, existem “impactos importantes que abrem minimamente” o espaço para pauta de gênero, por outro, “você percebe que é uma visibilidade controlada”, voltada, principalmente, para a manutenção da audiência.

Falando sobre a relação entre o jornalismo e a pesquisa acadêmica na perspectiva do debate de gênero, Beleli (informação verbal)¹³ afirma ter “a clara sensação de que, no jornalismo, há sempre uma ideia pré-concebida, daí o repórter vem buscar a mim como pesquisadora para poder dar uma cientificidade a essa ideia”. Para ela, a mídia procura matérias que podem ser generalizáveis, universais. “E nós estamos, justamente, trabalhando para desmontar esse universal e generalizável”.

Foi justamente nesta perspectiva de desmonte das generalizações superficiais no debate de gênero que surgiu, em 1993, a ideia de publicação da revista *Cadernos Pagu*. Mais recentemente, expandiu-se a iniciativa para o *CinePagu* que, nas palavras de Bessa:

É um projeto que começou como uma tentativa de se formar um público que fosse mais amplo, que pegasse estudante, e que tratasse sempre de filmes com temáticas relativas à questão de gênero, pensando a interseccionalidade com outras categorias e que também dialogasse com as pesquisas que a gente faz aqui, em geral. Discute-se corpo, sexualidade, diversidade, sempre com recorte de gênero. E que também convida diretores, pesquisadores, realiza mesas de debate. Tivemos mesa sobre aborto, AIDS. E sempre muito aberto. A ideia é criar um hábito de ver com debate. Eu acredito muito nisso, que a gente tem que mudar o modo de ver. Não é tanto censurar – “ah!, a Globo não fez a representação do jeito que a gente queria”. Acho que a gente tem que aprender a desconstruir o discurso da Globo, a desconstruir o discurso do SBT, temos que formar gente capaz de se proteger, de se perguntar minimamente e de conseguir dialogar com a imagens. (informação verbal)¹⁴

Falando, por fim, sobre a relevância histórica da figura da jornalista Patrícia Galvão, a Pagu, para a luta feminista no Brasil, Beleli (informação verbal)¹⁵ ressaltou que, por ser “tantas personagens numa só”, ela se transformou num ícone para “pensar as mulheres e seus direitos”. Bessa complementou lembrando que a imagem dela traz consigo um discurso de muita autonomia e em sua fala há várias feministas importantes, artistas, que são ícones importantes também.

Mas a Pagu tem um significado de autonomia, de corpo, de expressão, de tudo. Tem algo ali muito libertário. E se a gente pensar, é uma luta de que não dá para abrir mão. Ainda estamos muito longe de ter essa autonomia. (informação verbal)¹⁶

¹² Id., 2017.

¹³ Id., 2017.

¹⁴ Id., 2017.

¹⁵ Id., 2017.

¹⁶ Id., 2017.



Beleli (informação verbal)¹⁷ concordou com a observação e acrescentou: “autonomia é a base do feminismo”.

Considerações Finais

Tabela 1 – Quadro de análise: *Cadernos Pagu* - entrevista com Iara A. Beleli e Karla Adriana M. Bessa

Tabela 3 – Quadro de análise: Cadernos Pagu - entrevista com Iara A. Beleli e Karla Adriana M. Bessa	
Estudo sobre Mulheres	É preciso saber quem é esta mulher, localizá-la no tempo, espaço e contexto socioeconômico, destacando os demais "marcadores de diferenças" que se articulam na questão de gênero
Quantidade e a influência de mulheres no jornalismo	Se você ficar na estatística, pode até ser que tenha aumentado muito o número de mulheres. Mas o que essas mulheres estão pautando e como elas estão pautando?
Pauta x Fontes	Aborto, feminicídio, violência doméstica, violência contra a mulher em geral. Isso aparece nas notícias. O problema é como isso aparece. Quem eles buscam para ser referência para dar entrevistas?
Feminização do Jornalismo	Será que ter pessoas do sexo feminino no jornalismo mudaria o jornalismo?
Mídia Alternativa	Do mesmo modo que existem blogs muito interessantes e a internet abriu uma possibilidade grande de vozes, dessa emergência de visibilidades; na mesma medida, você tem o outro lado com blogs e sites difundindo mensagens retrógradas e misóginas. Quanto dessa mídia alternativa, que é uma miríade de blogs e páginas pessoais, chega, de fato, à população?
Sobre o aumento de talk shows	Por um lado existem impactos importantes que abrem minimamente o espaço para pauta de gênero, por outro "você percebe que é uma visibilidade controlada", voltada, principalmente, para a manutenção da audiência.
Cientificidade pré-estabelecida	A clara sensação de que, no jornalismo, já se tem uma ideia, daí ele vem buscar a mim como pesquisadora para poder dar uma cientificidade a essa ideia. A mídia procura coisas que podem ser generalizáveis, universais. E nós estamos, justamente, trabalhando para desmontar esse universal e generalizável.
Desconstrução da Mídia	Acho que a gente tem que aprender a desconstruir o discurso da Globo, a desconstruir o discurso do SBT, temos que formar gente capaz de se proteger, de se perguntar minimamente e de conseguir dialogar com a imagens
Espetacularização da Mídia	Cada frase tem um julgamento moral e principalmente em relação às mulheres. Até quando eles querem defender as mulheres, tem algo que aquela mulher pode ter feito que, para o receptor, ela se tornar uma ré e não uma vítima. Como se ele dissesse implicitamente {o apresentador de programas policiais} que "alguma abertura ela deu, que nenhum homem é tão ruim assim".
Autonomia e Feminismo	Pagu se transformou num ícone para "pensar as mulheres e seus direitos". Pagu traz um discurso de muita autonomia. Se a gente pensar, é uma luta que não dá para abrir mão. Autonomia é uma base do feminismo.

¹⁷ Id., 2017.



Além dos pontos referenciados no quadro acima, é importante destacar os elementos mais inovadores da publicação *Cadernos Pagu*. Merecem destaque as estratégias no campo jornalístico:

- a. A revista diferencia-se pela proposta de concentração de pesquisa na área de estudos de gênero, publicando distintos **olhares nacionais e interdisciplinares** sobre as temáticas da diversidade, desde o início da **década de 1990**;
- b. Sua **longevidade** e **credibilidade** são pontos a destacar, principalmente considerando as dificuldades de financiamento que as pesquisas acadêmicas vivenciam, sobretudo, a sobrevivência em movimentos conservadores que perpassam a História nacional - seja quando existe o apoio de secretarias exclusivas de mulheres, seja em momentos atuais, quando entidades dessa natureza têm sido extintas;
- c. A iniciativa conta com **especialistas gabaritadas**, com diversas publicações, pesquisas acadêmicas realizadas e publicadas no exterior, o que faz com que a produção da publicação esteja sempre **atenada com as discussões de gênero de maneira mais orgânica**, não vinculada somente à agenda da mídia, mas também ao desenvolvimento das pesquisas;
- d. Dois exemplos a destacar constam do exemplar *Cadernos Pagu*, número 21, com o *Dossiê Olhares Alternativos*, que demonstra a **vanguarda na inserção da pauta**. O primeiro é o artigo de Judith Butler, intitulado *O parentesco é sempre tido como heterossexual?*, que foi publicado em 2003, momento em que não existia uma comoção nacional sobre sua obra. E o segundo, *Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil* (2003), de Miriam Pillar Grossi, antropóloga feminista e professora da UFSC, que aborda o reconhecimento do casamento entre pessoas do mesmo sexo, no Brasil, como uma instituição familiar. Essa união foi declarada possível pelo Supremo Tribunal Federal (STF) somente em 2011.

A decisão de entrevistar estudiosas e especialistas consolidadas nos estudos de gênero incorpora a contemporaneidade sem a máscara da efemeridade, buscando superar possíveis modismos que o feminismo atual possa vivenciar.

De maneira geral, todos os elementos ressaltados nas várias etapas das entrevistas – da concepção à concretude – trabalharam investigações que permitiram implicações analíticas para além da linearidade. Nesse sentido, buscou-se um diálogo no qual as entrevistadas ultrapassassem a barreira passiva e dialética da comunicação simplificada e se tornassem colaboradoras comprometidas com atuação empírica e com o conhecimento produzido na entrevista.

O debate provocado por essas entrevistas evidencia que, no plano de atuação de gênero e de jornalismo, os objetivos profissionais não se separam de metas e de visões pessoais sobre o mundo. Nessa junção de áreas temáticas, cabe ressaltar perfis de pessoas que desenvolvem uma completa integração entre espaço público e formação humanista, enxergando na democratização do jornalismo um caminho para a solução dos entraves sociais de muitas mulheres.



Se, por um lado, as mudanças ocorridas na área de comunicação proliferam distintas experiências transitórias na área do jornalismo pós-industrial, por outro, essas mesmas mudanças demonstram a urgência de investimentos em projetos como a publicação *Cadernos Pagu*.

Referências

- BELELI, Iara Aparecida. **Gênero e amor**: experiências, encontros e desencontros (1970-1990). Dissertação de mestrado, história, PUC-SP, 1999.
- BELELI, Iara Aparecida. **Marcas da diferença na propaganda brasileira**. Tese de doutorado, Ciências Sociais, Unicamp, 2005.
- BESSA, Karla Adriana Martins. **Jogos de sedução**: práticas amorosas e práticas jurídicas. Uberlândia, 1950-1970. Dissertação de mestrado, história, Unicamp, 1994.
- BESSA, Karla Adriana Martins. **(Entre)cruzando histórias**: gênero e historiografia brasileira - 1961-1996. Tese de doutorado, história, Unicamp, 2000.
- BELELI, Iara Aparecida; BESSA, Karla Adriana Martins. **Entrevista** concedida a Anna Flávia Feldmann. Áudio. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu: Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). 18. out. 2017.
- BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cadernos Pagu**. 2003b, n.21, pp.219-260. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/issue/view/1096/>. Acesso em: 19 nov. 2020.
- CADERNOS PAGU**. Disponível em: <https://www.pagu.unicamp.br/es/cadernos-pagu>. Acesso em: 19 nov. 2020.
- CINE PAGU**. Disponível em: <https://cine-pagu.tumblr.com/>. Acesso em: 20 mar. 2020.
- FELDMANN, Anna Flávia. **Feminismo em pauta**: um estudo sobre mulheres e jornalismo alternativo. Tese de doutorado, Ciências da Comunicação, USP, 2018.
- GALVÃO, Patrícia. **Paixão Pagu**: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão. São Paulo: Agir, 2005.
- GALVÃO, Patrícia. **Parque industrial**. 3ª ed. Porto Alegre/São Paulo: Mercado Aberto; EDUFSCar, 1994.
- GROSSI, Miriam Pillar. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. **Cadernos Pagu**. Campinas: Unicamp, 2003, n. 21, p. 261-280. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644621/0>. Acesso em: 19 nov. 2020.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MEDINA, Cremilda Celeste de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1986.
- MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.
- MOREIRA, Reginaldo. **A comunicação como dispositivo terapeutizante**: mais mediação, menos medicação. Rio de Janeiro: Rizoma, 2014.
- NEG-PAGU - NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO – PAGU**. Disponível em: <https://www.pagu.unicamp.br/>. Acesso em: 19 nov. 2020.
- VIVA PAGU**. Disponível em: <http://www.pagu.com.br/blog/home/>. Acesso em: 19 nov. 2020.